





le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

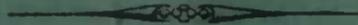
FONTOURA XAVIER

O

REGIO SALTIMBANCO

R

UMA CARTA DO DR. LOPES TROVÃO



CASA GARRAUX
C. Hildebrand & C.
Successores
S. PAULO

Rio de Janeiro

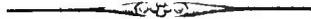
1877

FONTOURA XAVIER

o

REGIO SALTIMBANCO

(A MAGALHÃES CASTRO)



Rio de Janeiro

1877

Fontoura Xavier:

Devolvo-te o teu REGIO SALTIMBANCO.

Apesar de o-modelares pelo traço viril da moderna escola poética, a que te-filiaste, percebem-se no peito do teu heróe as tibias pulsações de um coração covarde e hypocrita.

É uma admiravel *estatueta* e tão parecida com o original que, basta vê-la, para reconhecer o primeiro saltimbanco da nossa infeliz patria.

Por exacto que foste no esboço de tão sordida physionomia, foi que vieste de S. Paulo ao Rio de Janeiro em procura de praça na nossa imprensa jornalística para o fazeres saltar aos nossos olhos deslumbrados.

O teu intento deu de encontro ás barreiras, que o jornalismo fluminense e paulistano ergueu, talvez, por umas razões de *prudencia*.

Tanto melhor, porquanto forneceu-nos o agradável ensejo de apreciarmos a tua producção em folheto — meio mais provavel, porventura, para a perpetuação do pensamento.

Sobre esta razão, accresce que um saltimbanco precisa espaço vasto e desassombrado para se-entregar ás finas habilidades do proprio officio.

No *jornal*, os assumptos de todo o genero — desde o artigo de interesse commum até a questiuncula particular, por tal fórma se atropellam que, apresentar-nos o teu regio heróe, de uma de suas columnas, importa expôl-o a cabir entre dous annuncios de *revolvers* e *petroleo*, no acto de fazer uma pirueta galante para melhor empalmar-nos mais alguma cousa.

E, tu sabes? depois que o patriota polaco, em plena capital da França, enviou ao autocrata das Russias uma *capsula* em nome da patria escravizada; e o communista parisiense com as tintas comburentes do incendio tentou apagar da fachada dos monumentos nacionaes as maculas, que ahi deixára o despotismo desmoralizado em Sedan; o *revolver* e o *petroleo* começaram de impressionar vivamente os histriões purpurados.

Bem andou a imprensa, portanto, recusando publicidade á tua formosa e energica poesia.

Demais, com esse procedimento o jornalismo preparou-te oportunidade feliz de seres agradavel a um rei.

Consta que uns tantos senhores, no intento de receberem condignamente S. M. o nosso augusto Soberano, preparam festas ruidosas, que farão esquecer as espontaneas manifestações com que o povo fluminense, inda ha poucos mezes, solcmnisou a chegada de um illustre general, que veio propositalmente ao Rio de Janeiro para scultar-se em vida nas jazedas do senado.

Para isso, já começaram de construir palanques de sarrafos e arcs triumphaes de papelão.

Cremos, entretanto, que esses notaveis cavalheiros, por mais fascinantes que accendam as suas luminarias e por mais estrondosos que recommendem hymnos ás bandas marciaes, não lograrão esconder ao Imperador a escuridão medonha que negreja nos fundos vazios do erario e os gemidos afflictivos dos seus subditos que, nas plagas do norte do imperio, escabujam nas vascas desesperadas da peor das mortes—A MORTE PELA FOME!

Debalde! Atravez das corrediças de lona sarapintada de disticos lisongeiros, S. M. ha-de ver a mancha de melancolia que roxêa a alma nacional.

Si o habito das viagens no estrangeiro não houver ainda embotado aquella sensibilidade, então... presta-lhe um beneficio, offerece-lhe um exemplar do teu *Regio Saltimbanco*, porque n'aquella consciencia acordou, de certo, a convulsão dolorosa do remorso.

Adoça-lhe com a tua poesia as incisões da agonia moral; recita-lh'a tu mesmo, estrophe a estrophe, para distrahil-o a elle... que se delicia tanto nos dulçores da litteratura e da sciencia que, chegou até, um dia, no continente onde foi sagrado *sábio*, a dormir voluptuosamente durante uma conferencia scientifico-litteraria, como um hom burguez que comeu cousas pesadas e gordurosas.

Talvez que, por esse serviço, corra-lhe a lembrança de matar-te a fantasia que, como eu, affagas de salvar esta pobre patria da podridão e da morte, pela mudança de fórma de governo; mandando pelos seus alcaioes conferir-te a carta de *conselheiro de estado*, ou o titulo de *barão*, já que elles, covardes! não têm coragem bastante para encarcerarem os homens honestos deste paiz que se esforçam por lhes-cbamar ás faces as colorações da vergonha pela bofetada da verdade.

Si na tua producção, entretanto, Cezar ferir-se nos agudos espinhos da allusão pungente, responde-lhe:

« Momentos ha. Senhor, em que a poesia tambem se-transforma em estigma para sellar a fronte dos despotas, nos quaes o destino reserva, no cemiterio vasto da Historia, o tabido sepulchro de Vitellio. »

Esta mesma resposta transmittirás tambem a uns certos *amigos*, que todos nós temos; e a uns certos *correligionarios*, muito nossos conhecidos, si, porventura, te disserem, depois da leitura do teu vigoroso trabalho, que foste INCONVENIENTE e que compromettes o teu FUTURO; e outras parvulezes, com que já me trazem enfastiado de as ouvir.

Ser inconveniente e comprometter o futuro significam TER HOMBRIDADES DE CARACTER E ABDICAR DAS PROPRIAS CONVENIENCIAS INDIVIDUAES EM PROL DO BEM COLLECTIVO NACIONAL: fatalissimas con-

dições que importam annular-nos para o emprego publico e propinas, que o governo concede áquelles que pedem assento á meza do orçamento, para levantar brindes ao systema governamental que *felizmente* nos rege.

É isto exactamente que faz o desespero dos supra-alludidos amigos e correligionarios. Áquelles, porque perdem na applicação das nossas aptidões o bom recurso, que machinavam pôr em jogo, para a obtenção de certos fins commodos, já, de ha muito, imaginados e perfeitamente combinados. Á estes, porque em a nossa abnegação o povo encontra a condemnação do procedimento d'elles que, para satisfazerem vaidades e interesses inconfessos, recalcam nos latibulos da alma sordida as proprias convicções politicas.

Justamente por me parecer que foste *inconveniente* ao ponto de *comprometteres o teu futuro*, é que te felicito pelos teus inspirados versos.

No objectivo que têm por mira, eu vejo a affirmação de uma consciencia pujante, intrepida, e sadia.

Abrissem elles exemplo fecundo no seio da geração hodierna... e, pela firmeza das minhas crenças politicas, te juro que, o periodo artificial, aberto pelo reinado do Sr. Pedro II em a nossa Historia Patria, desapareceria como tudo quanto é falso, mendaz e perfido.

Verdade é que, a apostasia politica foi elevada ás altitudes de um direito por alguns homens notaveis de nossa patria.

Mas... com tanta vehemencia se tem profligado esse infame direito que, penso, não vingará jamais.

O cidadão que, hoje, houver bastante impavidez para exclamar em face da opinião publica: EU SOU REPUBLICANO... contrahio um grave compromisso, adheriu á causa de um partido, que se agita cheio de vitalidade em toda a superficie do imperio e que já se inundou nos clarões da victoria no ultimo estadio eleitoral.

O meio politico-social é outro; outras serão, logicamente, as condições da nossa existencia moral.

Tu sabes-lo muito bem e melhor do que eu, por que foi lá... onde aprendeste a escrever os teos bellos versos, a terra que realisou tão grandioso phenomeno... no seio dessa triumphante *

gloriosa mocidade academica ! no cerebro da nossa patria ! na provincia que cogita a nossa regeneração nacional ! n'essa eleita S. Paulo, a quem amo, porque sei que a ella está commettida a missão de se erigir no altar, em cuja pedra sagrada, o povo brasileiro de pé, porque um grande povo não se ajoelha, irá depôr a primeira offerenda ao genio da liberdade !

Por isso, favonea-me a esperança de que, não haveremos mais de envilecer-nos para dizer a cada um dos que apostatarem'da nossa causa :

« Valeis menos do que um . . . cão, pois si o cão não progride, não retrograda tambem; e vós tivestes de descer no estalão das fórmas de governo para serdes monarchista. »

Ainda mais: tenho fé que o teu nobre exemplo será seguido pelos mais audazes, depois por outros e finalmente pelos mais timidos. Todos nos-comprometteremos; e então só nos-restará perguntar mui delicadamente á dymnastia, que nos-devora dous mil e tantos contos pelo pesado trabalho de nos-governar, *por onde, bem longe do Brasil, ser-lhe-ha mais agradavel fazer uma viagem . . . perpetua.*

Congratulo-te, pois, pelas tuas magnificas estrophes; e tanto mais porque n'ellas vejo tambem a negação eloquente de certa poesia la-reirinha e piegas, que avilta a poetica nacional com umas sentimentalidades ridiculas.

Debalde A. de Azevedo, F. Varella, C. Alves, José Bonifacio e bem poucos outros inspirados tentaram eleva-la ácima da turba anonyma de uns poetas sem concepção nem idealidade original. Debalde porque, quando o sopro da morte arrebatou das mãos d'aquelles tres gigantes do verso e o tedio emmudeceu entre os dedos d'este primeiro athleta da tribuna brasileira a lyra das grandes harmonias, os poetastros corvejaram sobre ella, que tinha tombado coroada de crepe, como si já adinhára o funesto fim que lhe-apparelhava o destino inexoravel.

Felizmente, em tempo, appareces tu para rasgar-lhe os lutos e exalta-la á zona em que gravitam as difinidas aspirações do seculo.

Não te acharás sósinho, porque a favor dos mesmos intuitos, labutam J. do Patrocínio, C. Ferreira, Marianno de Oliveira, G. dos Santos, Teixeira de Souza, e alguns outros bons espiritos da geração actual.

Si não possues a prodigiosa flexibilidade de inspiração do poeta das *Lentejoulas*; si careces do mimo que assignala o bardo d'*Os Calvarios*; si não conheces as syntheses deslumbrantes do cantor da *Edade Aeademica*; si te-falta a impassibilidade do author dos *Lazaros* para cauterisar as pustulas sociaes; si não manejas a arma da propaganda como o poeta positivista da *Idéa*; mais do que todos elles tens as caracterisações accentuadas da nova escola :—logica fusão do realismo e romantismo, porque encerra a fria observação de *Baudelaire* e as sorprendentes deduições do velho mestre *V. Hugo*.

Refiro-me a essa profunda escola por *Guerra Junqueiro* e *Guilherme de Azevedo*, em boa hora, fundada, para salvar, de todo, a poesia portugueza do naufragio, em que afundou-a a dictadura lethal do finado *Sr. Visconde de Castilho*.

Em virtude da escola a que te-filiaste, a tua fórmula é, porventura mais viril e a idéa não transige com os preconceitos da época.

Si fossem perciveis, com certeza succumbiriam como os stoicos.

E, no emtanto, da phalange moderna és o combatente mais novo, és mesmo uma creança.... devias ser o mais fraco.

Por isso, podes contar com os applausos da critica.

Com certeza, ella não será avára de loiros para o poeta que escreve versos a fazerem lembrar uma tribu de leões ou as triumphantes legiões romanas que passaram na conquista do mundo.

Sente-se em cada um d'elles a alma de um *Graccho*, a vibração electrica das tempestades das *Termopilas*.

Convém-nos, sobretudo, no momento historico que atravessamos, por que a franca agitação é uma necessidade para despertar a consciencia nacional que é um pantano.

Seja, pois, bem vindo á arena da imprensa o teu—*Régio Saltimbanco*.

Si fôr mal visto, entretanto, por aquelles que ainda sustentam a incompetencia da poesia na resolução dos problemas religiosos e politicos, ensina-lhes que: quando o christianismo e o barbaro bateram ás portas da cidade-eterna, foram vistos dous espectros que combatiam os velhos deuses de Homero e as dissoluções dos descendentes da Loba, para franquear passagem á torrente do pensamento hodierno: *Lucrecio e Juvenal.*

O teu

Lopes Trauão

Rio de Janeiro, 22—9—77.

O REGIO SALTIMBANCO



I

A FARÇA EM ROMA

I

Calae-vos, phariseus! A Roma dos Tiberios
Quem disse que a sepulta a ossada dos imperios?
Porque não mais atira ao pó do Coliseu
A crença de um christão e os ossos de um atheu
Para servir de estrume ao ventre de uma féra?
A velha cortezan deixou de ser o que era,
Mas inda présa o riso e a farça jovial
Ao franco tilintar dos guizos do jogral.

— Si olvida as bacchanaes dos Cezares devassos,
Applauda as contorsões dos Cezares palhaços.

II

Silencio ! fez-se ouvir o ultimo signal !

« A' scena, ergueu-se a *claque*, o artista imperial ! »

E o grande saltimbanco, entusiasmado, ufano,
Não quiz que o esperasse o applauso do romano...

Oh quadro deslumbrante e digno do porvir !
Logo ao saltar em scena o artista a se esgrimir
Um pasmo convulsivo estremeceu as almas
E fel-as rebentar n'uma explosão de palmas.
O sabio, respirando indomito ovações,
Achava em si um *que* dos magros histriões,
Mas tanto lhe soára o grito do successo
Que ao cabo imaginou-se um Ursus-rei professo,
E a sede de mais gloria e a soffrega ambição
Fizeram-lhe annunciar ao mundo outra funcção !

III

Outr'ora quando um monstro, um Cezar, um bandido
Sentia o coração de rei prostituido
Pulsar-lhe sob o tedio, armado a gladiador,
Descia ao Coliseu—satanico de horror—
Para embeber sedento a colera de hyena
No sangue dos plebeus a espadanar na arena.

Oh ! deve ser immenso, esplendido o festim
Onde vae exhibir-se o celebre arlequin,
Colher, longe da patria, além, n'outro horisonte,
Mais um florão gentil que lhe orne a heroica fronte.

A Roma Meretriz, essa immortal galé
Que um Deus acorrentára ao poste Santa-Sé,
Heroico, vencedor, colerico, iracundo,
Temendo em saturnaes lhe submergisse o mundo,—
Dir-se-ia que olvidou a préce do christão
Para entregar-se nua ao novo Trimalcão ;
Que ouviu novo estertor de servos gladiadores
Na liça triumphal dos vis batalhadores,
E ergueu-se dos lençóes do papa Mastai
Bradando á Religião :

« Ao Circo ! eu não morri ! »

E' sancto e magestoso e nobre e gigantesco !

O' vós, que amaes ouvir do heroe funambulesco,
Na comica ascenção da mimica sem par,
As doidas expansões da gargalhada alvar ;
O' vós, que desfolhaes a rosa do deboche
E o liz da hypocondria aos pés de Rigolboche ;
O' vós, que odiaes o tedio e as tentações do *spleen*,

— Não recuseis um « bravo ! » ao deus do trampolim.

V

Calae-vos, phariseus ! A Roma dos Tiberios
Nãõ digam que a sepulta a ossada dos imperios,
Por que nãõ mais atira ao pó do Coliseu
A crença de um christãõ e os ossos de um atheu
Para servir de estrume ao ventre de uma féra ;
A velha cortezan deixou de ser o que era,
Mas inda présa o riso e a farça jovial
Ao franco tilintar dos guizos do jogral.

— Si olvida as bacchanaes dos Cezares devassos,
Applauda as contorsões dos Cezares palhaços.

II

A CESAR

Esplendido triumpho ! O mundo em deredor
Ouviu-te a execução do magico programma,
E ao cabo, convulsiva, ergueu-se a voz da Fama
Saudando inda uma vez o regio professor !

Um povo se occultava á sombra do pudor ;
De lá, com esse rir nervoso do epigramma,
O ouvido lhe feria o brado que te acclama
O artista sem rival, o grande imperador !

Te appraz representar o salto, o riso franco
E as escamoteações de um velho saltimbanco ?
— Dá redea ao gosto teu, funambulo real !

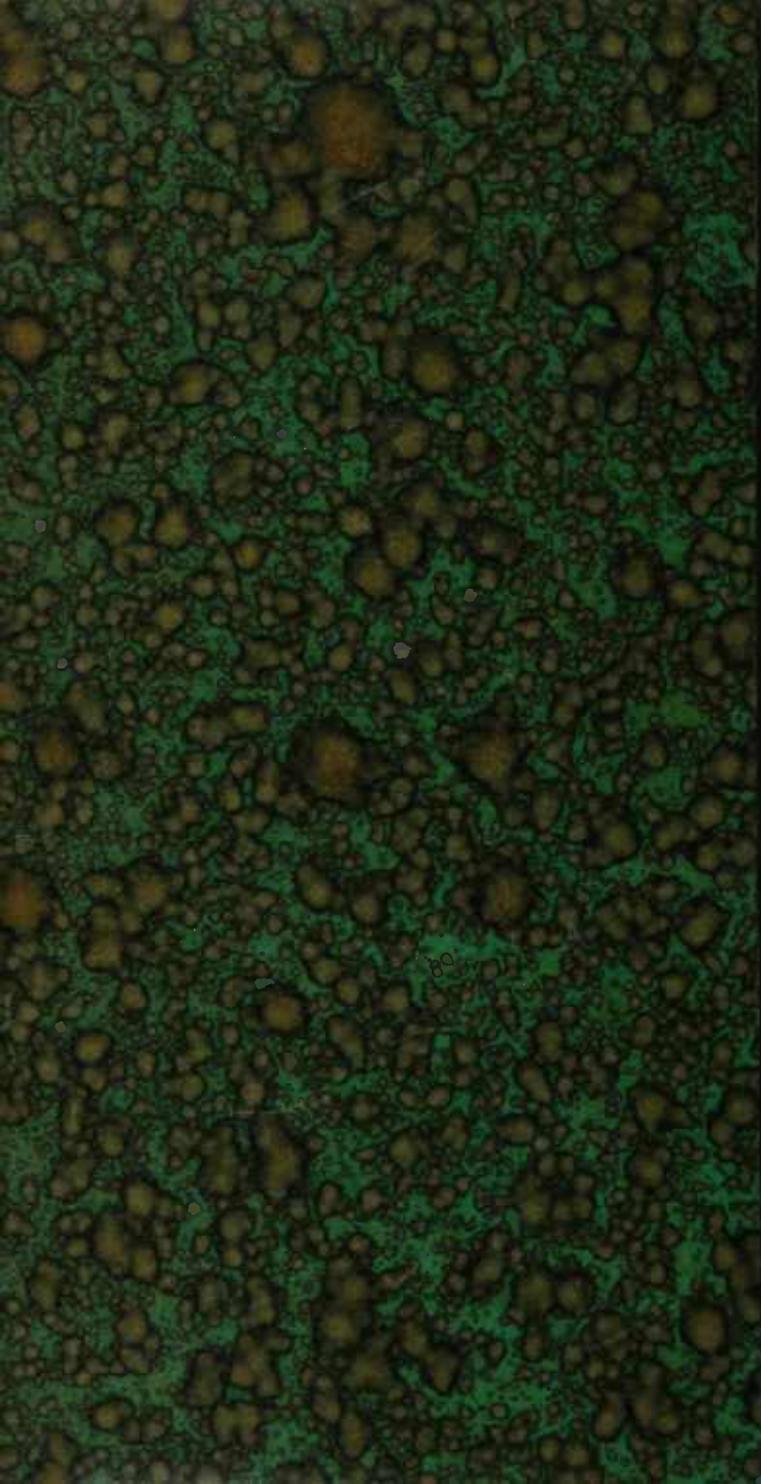
Que um dia do corsel elastico da gloria
Decerto has de cahir no trampolim da Historia,
Artistico Blondin da farça imperial !



No prélo:

TH. DIAS—LYRA DOS VERDES ANNOS





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).